



## EM CONFRONTO: A POLÍTICA NA NARRATIVA (PROTO)TEXTUAL DE *DONA ANJA*, DE JOSUÉ GUIMARÃES

## IN CONFRONTATION: THE POLICY IN THE *DONA ANJA*'S (PROTO)TEXTUAL NARRATIVE, OF JOSUÉ GUIMARÃES

Luana Maria Andretta<sup>1</sup> (UPF)  
Miguel Rettenmaier<sup>2</sup> (UPF)

### RESUMO

A partir da leitura e análise de prototextos – notas, esboços e versões de obras, geralmente, publicadas - pode-se, pelo viés da Crítica Genética, identificar os gestos criativos executados escritor durante seu processo de escrita. Essa nova possibilidade de leitura pode auxiliar na compreensão de certas partes do texto e, muitas vezes, proporcionar uma nova leitura de um livro tido como produto final. A partir dessas noções e embasado pelas contribuições teóricas de Salles (1998), Pino e Zular (2007), Biasi (2010) e Willemart (2009), este trabalho objetiva a análise da construção e descontinuidade da composição da personagem masculina em um dos prototextos do livro *Dona Anja*, de Josué Guimarães, resguardados no Acervo Literário Josué Guimarães, da Universidade de Passo Fundo (ALJOG/UPF). Nesta pesquisa, a descontinuidade é compreendida como interrupções de enunciados de uma versão do manuscrito para outra, em quaisquer elementos narrativos, nesse caso, do romance. A investigação desses pontos apoia-se na leitura crítico-comparativa do “livrão” – livro de notas e esboços do escritor já mencionado, sob guarda do ALJOG/UPF, na categoria de manuscritos de produção ativa – e da obra publicada. Por meio da observação das rasuras, configuradas em acréscimos ou supressões, pôde-se criar um novo espaço de relações e compreender o perfil moral e a significação político-ideológica dos seletos convidados de *Dona Anja*. Esses traços ocultam ideais patriarcais e autoritários, representados por autoridades da Arena, frente a princípios liberais, defendidos por autoridades do MDB, num movimento de confronto marcadamente crítico e satírico do cenário histórico brasileiro no período da ditadura.

**Palavras-chave:** *Dona Anja*. Acervo Literário Josué Guimarães. Personagem masculina.

### ABSTRACT

From the analysis of prototexts - notes, sketches and versions of works, usually published – we can, through the perspective of Genetic Criticism, identify the creative gestures performed by writers during them writing process. This new reading possibility can aid in the understanding of certain parts of the text and provide a new reading of a book. Based on these notions and on the theoretical contributions of Salles (1998), Pino and Zular

<sup>1</sup> Mestranda da linha de pesquisa Produção e Recepção do Texto Literário e bolsista do Acervo Literário Josué Guimarães, ambos pertencentes à Universidade de Passo Fundo. E-mail: luanaandretta15@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professor e pesquisador da Universidade de Passo Fundo e PhD em Filologia pela Universidade de Santiago de Compostela. Atualmente é coordenador do Acervo Literário Josué Guimarães e das Jornadas Literárias de Passo Fundo. E-mail: mrettenmaier@hotmail.com.

**LÍNGUA E LITERATURA**

TEORIA E ENSINO:

**VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS**50  
ANOS  
UPFPPG  
LÍNGUAS  
E LINGÜÍSTICA  
CURSO DE LETRAS

(2007), Biasi (2010) and Willemart (2009), this work intends to analyze the discontinuity's construction of the the male character's composition in one of the prototexts of the book *Dona Anja*, of Josué Guimarães, under the custody of the Acervo Literário Josué Guimarães, of the Universidade de Passo Fundo (ALJOG/UPF). In this paper, discontinuity is understood as interruptions of statements from one version of the manuscript to another, in any narrative elements, in this case, of the novel. The investigation of these points is based on the critical-comparative reading of the "Livração" - book of notes and sketches of the aforementioned writer, under the guard of ALJOG / UPF, in the category of active production manuscripts - and of the published work. By observing the erasures, configured in additions or deletions, a new space of relations could be created and the moral profile and political-ideological significance of the select guests of *Dona Anja* could be understood. These traces conceal patriarchal and authoritarian ideals, represented by Arena authorities, against liberal principles defended by MDB authorities, in a markedly critical and satirical confrontation of the Brazilian historical scenario during the dictatorship period.

**Keywords:** *Dona Anja*. Acervo Literário Josué Guimarães. Male character.

## 1 INTRODUÇÃO

A memória de (quase) toda obra publicada encontra ecos muito além do texto final. Tais ecos concretizados em forma de esboços, esquemas, notas e versões, por exemplo, de certo modo, podem esconder os caminhos pelos quais o escritor enveredou para que, finalmente, seu projeto poético se concretizasse. E é, justamente, com esses documentos que recuperam a memória da escrita que a crítica genética oferece um novo modo de conceber o movimento criador.

O crítico genético, ao realizar sua leitura e reflexão sobre tais materiais, pode encontrar indícios que sustentem uma interpretação nova ou, pelo menos, mais atualizada de um texto, a qual não estava ao alcance dos olhos dos leitores finais. Assim, a possibilidade de compreender gestos criativos, que podem surgir a partir de acréscimos ou subtrações de ideias, sentenças, etc., ganha relevância para o entendimento da produção literária como um movimento que não se dá de forma linear e simplificada.

Ciente dessas características, o presente artigo tem por finalidade analisar a descontinuidade da construção da personagem masculina da obra *Dona Anja*, do escritor gaúcho Josué Guimarães. A análise, de caráter comparativo, entre um esquema de caracterização de personagens, pertencente ao Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG/UPF), da Universidade de Passo Fundo, e a obra publicada, busca compreender o que os acréscimos ou supressões feitos pelo escritor podem explicar sobre o perfil e o papel político-ideológico de tais personagens para a significação geral da obra.



Os dois personagens selecionados como recorte desta pesquisa são o prefeito da Arena, Francisco Salena, e o vereador do MDB, Pedrinho Macedo. Tais personagens apresentam-se como uma oportunidade de desvelar o posicionamento político-ideológico presente na ditadura militar, bem como projetar suposições sobre o modo de criação de Josué Guimarães.

## **2 A LITERATURA DE JOSUÉ GUIMARÃES E A CRÍTICA GENÉTICA**

Realismo, humor, sátira, irônia, questionamento político, fantástico. Esses e outros elementos marcam a literatura de um escritor que passou por campos jornalísticos e políticos antes de fixar-se, aos 49 anos, na literatura. Josué Guimarães, que publicou romances, contos, livros infantis e uma peça teatral, recupera, em sua produção, a realidade social e a transporta de forma altamente lúcida e questionadora para a ficção. Vítima da ditadura civil-militar brasileira, tal regime não deixou de marcar sua literatura e estar presente em muitas de suas obras.

O espólio do escritor está sob a guarda do Acervo Literário Josué Guimarães, da Universidade de Passo Fundo (ALJOG/UPF), desde 2007. Sua produção passiva e ativa, formada por notas, esboços, materiais de apoio à pesquisa, produções no campo jornalístico, manuscritos literários, versões, parte de sua biblioteca, entre outros elementos, é investigada pela perspectiva da crítica genética.

Segundo Salles (1998), tal vertente analítica busca, nas singularidades do processo criativo, pontos que possam servir de base para generalizações, dando espaço à elaboração de uma morfologia do processo criador. Em outras palavras, a interpretação de variados documentos de processo permite caracterizar certos fenômenos da escrita de uma maneira geral.

Todo esse movimento tem por intuito refletir sobre o processo criativo do autor, seus caminhos e descaminhos criativos. Ademais, pode oferecer, a partir de indícios concretos da criação, uma nova leitura de obras já publicadas. Afinal, das versões manuscritas ao texto publicado não há uma linearidade ou cronologia taxativas, o manuscrito “está sempre em



processo”, pois, “em certo momento da escritura”, o escritor esquece “o plano ou esboço pré-definido e rasura” (WILLEMART, 2009, p. 11).

O mesmo autor ainda salienta que as condições iniciais de construção de uma obra não determinam, necessariamente, que o projeto de um texto se mantenha até as páginas finais da última versão. Isso se deve ao fato do pensamento e, conseqüentemente, da escrita funcionarem de forma ascendente e descendente. Ou seja, o autor avança e retrocede na elaboração do seu produto, por vezes, inconscientemente.

Nessa mesma perspectiva, Salles (1998, p.13) afirma que “um artefato artístico surge ao longo de um processo complexo de apropriações, transformações e ajustes” e esses processos podem ser observados pelo geneticista e interpretados de maneira que possam oferecer novas visões sobre a literatura de determinado escritor e a produção artística de modo geral.

Assim, tendo por base esses pressupostos, o presente artigo toma como corpora de análise um dos prototextos do romance *Dona Anja*, de Josué Guimarães. Prototexto é definido por Biasi (2010) como um documento do processo criativo que permite uma construção crítica por parte do geneticista e sua ordenação em um elemento significativo para a compreensão da elaboração de uma obra. Dessa forma, um prototexto pode ser um plano, um esboço, um rascunho, uma versão manuscrita, etc. Vale ressaltar que, ainda segundo Biasi (2010, p. 42), “o prototexto é o dossiê genético que se tornou interpretável” para o pesquisador e não está associado à materialidade do documento em si, mas, sim, ao “desdobramento crítico tal como o geneticista pode reconstruí-lo”.

O prototexto selecionado para a análise genética, neste estudo, foi o “Livrão”, resguardado entre os itens do ALJOG/UPF, dentre os demais itens relativos aos manuscritos e notas da produção ativa de Josué Guimarães. Este elemento do dossiê é um caderno pautado, com capa dura, que contém anotações, esboços e esquemas sobre variados elementos narrativos, trechos de produções, ilustração de capas dos próprios livros do autor, feitos por ele, entre outras escritas.

Este documento, nas páginas 8 e 9, apresenta um esquema de construção e caracterização das personagens femininas e masculinas do romance *Dona Anja*. A obra em questão, publicada em 1978, traz uma caricatura ácida e bem humorada da votação da Lei do Divórcio, ocorrida em 1977, bem como discute a falsa moral de uma elite política corrompida, que se encontra em um bordel de respeito da cidade, em um contexto de ditadura militar.



Neste momento será feito um recorte do dossiê, por isso serão analisadas apenas duas personagens masculinas da obra. Ou mais especificamente, a *descontinuidade* na construção de tais personagens no romance, num gesto comparativo entre o “Livrão” e a obra publicada em 1978. Pino e Zular (2007) conceituam brevemente o termo *descontinuidade*, afirmando que esta se configura no momento em que há uma ruptura num enunciado de uma versão para outra de uma obra. A *descontinuidade* pode se revelar em todos os elementos da narrativa, bem como no próprio gênero do texto elaborado.

É essa conceituação de *descontinuidade* que se permite verificar, na construção das personagens masculinas do romance em questão, em traços que não se mantêm no texto publicado. Tais traços podem apontar para sentidos mais profundos sobre o perfil e a ideologia de tais personagens, bem como ressignificar, ou pelo menos, ampliar a compreensão da obra como um todo.

### **3 A POLÍTICA PELO OLHAR DE JOSUÉ: DESVELANDO AS AUTORIDADES DO BORDEL DE DONA ANJA**

A obra *Dona Anja* inicia com a exposição de uma pequena cidade do interior do sul do Rio Grande do Sul e a apresentação, em forma de lembrança, de Angélica, a Dona Anja, mulher de um respeitado coronel da cidade, e objeto de desejo de muitos homens. O fato inusitado que ronda tal mulher é sua lascívia insaciável, que consome o marido dia após dia e acaba o levando à morte. Com o passar do tempo e o aumento das dívidas, Dona Anja muda-se para uma casa menor e promove a construção de um bordel, atraindo meninas, as quais eram devidamente selecionadas pelo crivo atento da cafetina.

Assim, o enredo se encaminha para seu foco principal: a votação da emenda do divórcio, proposta pelo Senador Néelson Carneiro, em junho de 1977. Dona Anja promove uma reunião para um grupo de autoridades da cidade em sua respeitada casa. Dessa forma, o prefeito, o delegado, alguns vereadores, um professor, um fazendeiro e seu filho e um médico – o seletivo grupo escolhido a dedo pela dona da casa – aguardam o início da votação, rodeados pelas seis pacientes e encantadoras moças que prestam serviços ao local: Eugênia, Chola, Arlete, Lenita, Cenira e Rosaura. Além destes personagens encontram-se na estória: Elmira, a empregada; Neca, o homossexual que auxilia Dona Anja; e Amâncio, o leão de chácara.



Em meio aos petiscos e ao Vat-69 oferecidos, as autoridades enfrentam-se num embate que extrapola a votação do projeto de lei: os representantes da Arena (tendo como expoente o prefeito) e os do MDB (cujo grande nome é o do vereador Pedrinho Macedo) trocam farpas e críticas, além de metonimizarem, respectivamente, o duelo entre o conservadorismo e o liberalismo no campo político. O prefeito, devoto da família e da moral, que mantém uma amante e frequenta a casa de Dona Anja, é um dos maiores exemplos de um falso moralismo, visto que busca camuflar seu próprio egoísmo e falta de caráter pregando ideais que o mesmo não segue.

É válido referenciar, mesmo que brevemente, a situação política vivida pela sociedade brasileira no ano a votação da emenda do divórcio. Assim, em meio ao regime ditatorial, Castelo Branco baixou, em 1965, o Ato Institucional Número Dois (AI-2) que, além de outras disposições, em seu artigo 18, declarava extintos os partidos políticos ativos, cancelando seus registros. Dessa maneira, foi instalado o bipartidarismo entre Arena, partido alinhado ao sistema vigente, e MDB, a oposição.

O clímax da narrativa ocorre de forma inusitada: a emenda foi aprovada e, no momento em que fora avisado, o prefeito, que estava no quarto com Eugênia e quem havia prometido casamento a outra amante caso a emenda passasse, acaba por falecer. Receosos com o desfecho trágico, os personagens buscam saídas para que o conceito da respeitável casa de Dona Anja e do prefeito e sua família fique intacto.

Como já mencionado, os dois personagens aqui analisados serão o prefeito Francisco Salena, representante da Arena, e o vereador do MDB Pedrinho Macedo. Esse recorte de análise se deve ao fato das duas personagens centralizarem os embates políticos brasileiros da época da ditadura, ao constituírem-se como os dois extremos ideológicos vigentes.

Chico Salena, prefeito da cidade e figura de respeito, entra no bordel com “grossas lentes de fundo de garrafa, nariz farejando o ar como um cachorro perdigueiro” (GUIMARÃES, 1978, p. 61) e logo aproxima-se de Eugênia, sua prostituta preferida. Ao longo da noite, os amantes não medem a intensidade das carícias em plena sala de visitas, fazendo com que Dona Anja chame a atenção dos dois. Quando pode, provoca o oponente do MDB, Pedrinho, e prega todo seu dissabor perante a votação do divórcio. Defensor da família e dos bons costumes, além de frequentar o bordel, mantém uma jovem amante, Isabel. Sobre a



votação, avisa: “o Rio Grande em peso reza a Deus para que livre o nosso país de tamanha calamidade [a aprovação do divórcio]“ (GUIMARÃES, 1978, p. 103).

Com o coração frágil e, inicialmente, convencido que a emenda do divórcio não seria aprovada, ao receber a indícios de aprovação da lei, “de roxo, o prefeito passara para o violáceo e depois assumira uns estranhos tons de verde nas faces.“ (GUIMARÃES, 1978, p. 134). E mesmo afirmando que lutava pela família de toda a sociedade, não só a dele, descobre-se que ele havia prometido a sua amante, Isabel, que se divorciaria da mulher atual para ficar com a jovem, caso a emenda fosse aprovada.

Já Pedrinho Macedo, o jovem oponente, é caracterizado por sua eloquência, pelas críticas ácidas e irônicas à ditadura e ao conservadorismo da Arena, representado pela pessoa do prefeito. Assim, “o divórcio – exclamou ele [Pedrinho] em tom grandiloquente – vai colocar o Brasil lado a lado, em pé de igualdade com as nações mais adiantadas do mundo.“ (GUIMARÃES, 1978, p. 65).

Não se sente intimidado pela autoridade do prefeito e sente-se à vontade para fazer suas críticas de forma direta, talvez pelo fato de ter chegado embriagado ao bordel e ter continuado a beber a noite toda. Aos olhos de Zeferino: “o vereador mais parecia um gambá empapado de álcool“ (GUIMARÃES, 1978, p. 154). Contudo, sua rápida recuperação da bebedeira se dá no momento em que o prefeito é encontrado morto. O próprio vereador opositor procura ajudar a solucionar o caso que acontecera no bordel: “— Isso não – interrompeu Pedrinho – o prefeito não pode aparecer morto aqui na casa de Dona Anja. Ia ser um escândalo dos diabos, o MDB ia tirar proveito para as próximas eleições.“ (GUIMARÃES, 1978, p. 184).

Como percebido, pelas sucintas descrições acima, as duas personagens masculinas configuram-se como opostos políticos ideológicos e metonimizam o embate bipartidário existente no período ditatorial. Com vistas ao prototexto, o próximo subtítulo apresenta uma visão ressignificada de tais personagens.

#### **4 PROTOTEXTO E OBRA PUBLICADA EM CONFRONTO: O QUE ESCONDEM AS PERSONAGENS MASCULINAS?**

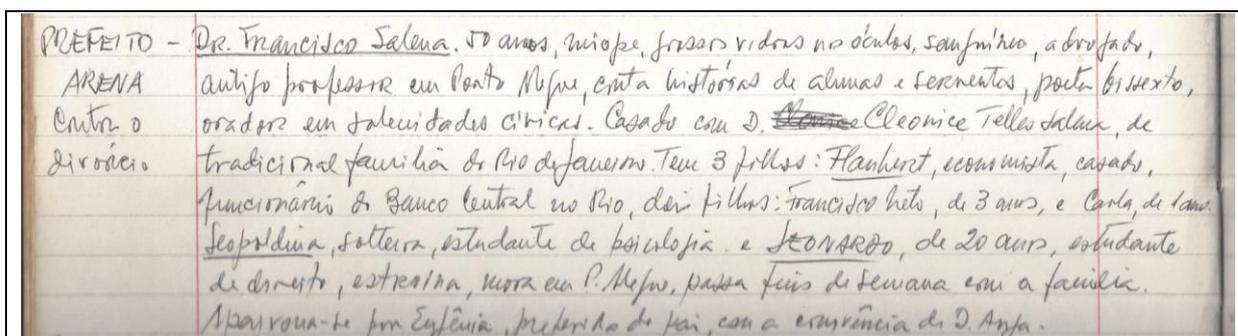
**LÍNGUA E LITERATURA**

TEORIA E ENSINO:

**VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS**50  
ANOS  
UPFPPG  
LÍNGUA  
E LITERATURA  
CURSO DE LETRAS

Sobre o prefeito, as anotações no prototexto evidenciam a seguinte caracterização física e psicológica de tal personagem:

Figura 1 – Fragmento de prototexto



Texto da imagem: Prefeito da Arena – Dr. Francisco Salena: 50 anos, míope, grossos vidros no óculos, sanguíneo, advogado, antigo professor em Porto Alegre, conta histórias de almas e ?, poeta bissexto, orador em solenidades cívicas. Casado com D. Cleonice Telles Salena, de tradicional família do Rio de Janeiro, Tem 3 filhos: Flaubert, economista, casado, funcionário do Banco Central no Rio, dois filhos: Francisco Neto, de 3 anos, e Carla, de 1 ano. Leopoldina, solteira, estudante de psicologia e Leonardo, 20 anos, estudante de direito, estroina, mora em Porto Alegre, passa fins de semana com a família. Apaixona-se por Eugênia, preferida do pai, com a ? de D. Anja.

Fonte: ALJOG/UPF

Ao confrontar este esquema com a obra publicada, pode-se perceber, inicialmente, que a caracterização física do personagem se mantém invariável. Entretanto, grande parte de sua história não é exposta no livro. Em relação à família, por exemplo, a esposa do prefeito, na obra publicada, chama-se Maria Helena e apenas uma filha, Maria Aparecida, é apresentada: “Maria Helena pedia desculpas pela intromissão, mas a filha Maria Aparecida estava com placas na garganta e ela queria saber se não devia chamar o Dr. Monteiro que era pessoa amiga e médico competente, a mocinha estava febril e abatida.” (GUIMARÃES, 1978, p. 164). Não há indícios concretos da existência dos outros três filhos mencionados no prototexto.

De modo geral, a construção da personagem Francisco Salena aponta para uma figura tipificada. Ou seja, sua caracterização como político corrupto já é cristalizada, extraliterariamente, na sociedade e, portanto, facilmente identificável. Assim, sua descrição, quase que num processo ilógico por causa da presença de sua biografia, no prototexto, pode ser entendida, na literatura de Josué, como um gesto não só de busca pela verossimilhança.

**LÍNGUA E LITERATURA**

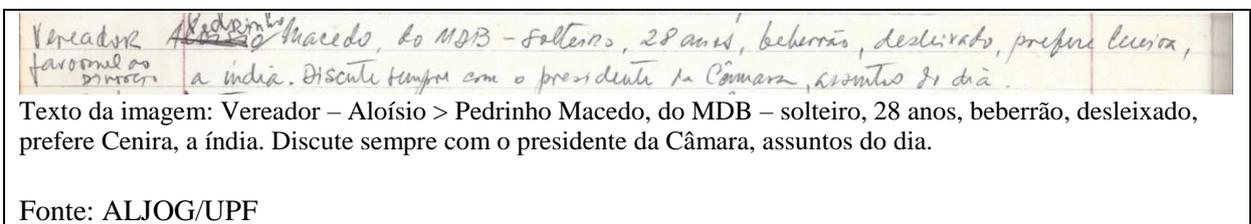
TEORIA E ENSINO:

**VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS**50  
ANOS  
UPFPPG  
LÍNGUA  
E LINGUAGENS  
CURSO DE LETRAS

Para o escritor, de apelo marcadamente realista, suas personagens são seres reais, são humanos e, para tanto, carregam uma história e um passado. A descontinuidade, configurada pelo desaparecimento dessa “vida“ do prefeito, na obra publicada, justifica-se, obviamente, pelo processo de tipificação da composição de tal personagem. Contudo, mesmo sendo um tipo, para Josué, Francisco Salena é um ser humano, mesmo que feito de palavras.

Já sobre o rival de Chico, Pedrinho Macedo:

Figura 2 - Fragmento de prototexto



O primeiro elemento que pode ser observado no prototexto acima é a rasura feita por Josué no nome da personagem. Inicialmente, o expoente do MDB teria como nome “Aloísio“ e não “Pedrinho“. Esta descontinuidade talvez encontre subsídio no fato de Josué procurar marcar de maneira mais explícita e incisiva a pouca idade da personagem: Pedro soa mais jovial que Aloísio, ainda mais quando a ele está anexado um sufixo no diminutivo.

Outro ponto a ser observado é o fato de na obra publicada, o vereador ser casado: “[Pedrinho] pediria divórcio à sua mulher nos próximos dez anos.“ (GUIMARÃES, 1978, p. 103). Possivelmente, essa descontinuidade se justifique uma manobra do escritor ao creditar ao personagem mais um elemento com o qual poderia atacar o prefeito. Pedrinho afirma que não tem pressa de se separar como é o caso contrário de outras pessoas e que poderia, no futuro, ter amantes jovens. As duas insinuações irônicas poderiam estar diretamente ligadas às ações de Francisco Salena.

Mesmo apresentando-se como beberrão, na noite em específico, Pedrinho não demonstra-se desleixado. Na realidade, suas críticas sobre a ditadura ou as atitudes de falso moralismo do prefeito parecem ironicamente lúcidas: “a emenda do divórcio foi aprovada pelo Congresso e na verdade o prefeito não é assim uma vítima tão inocente, afinal morreu traíndo a esposa.“ (GUIMARÃES, 1978, p. 188).



O vereador não demonstra-se ou ligado, preferencialmente, à Cenira. Na verdade, é os joelhos de Arlete que o vereador acaricia antes de ceder a jovem ao filho do fazendeiro Zeferino. Ademais, Pedrinho mantém conversas sobre “assuntos do dia”, como os resultados de jogos de futebol, com Eliphaz com Ph, também vereador do MDB, e não com o presidente da Câmara de Vereadores, Comerlato. Isso deve-se, muito provavelmente, às tensões existentes entre os dois partidos, pois mesmo que falar de amenidades seja uma atitude simples, o estremecimento político entre as ideologias das duas personagens e, também, a diferença de idade, tornaria mais difícil o contato entre dois.

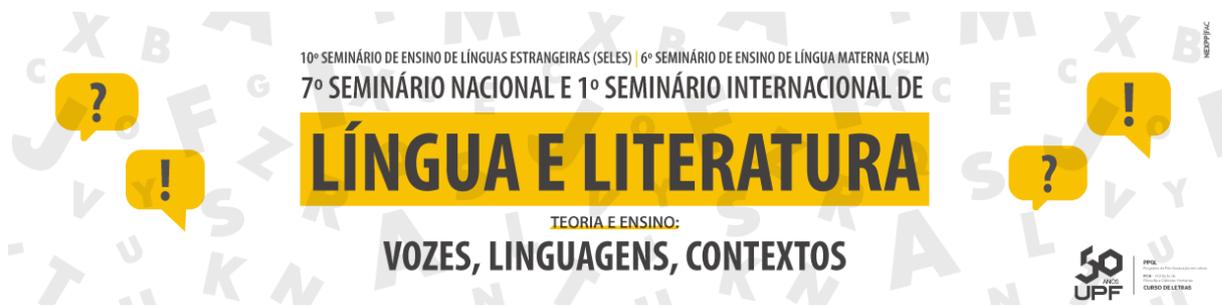
Por fim, da mesma forma que na descontinuidade observada no personagem anterior, Pedrinho Macedo parece possuir uma existência real, ao solhos de seu criador, mesmo que com uma descrição bem mais breve que a do prefeito.

Evidentemente, as posições em relação à aprovação do divórcio são mantidas na obra final, visto que o prefeito, representante do partido conservador, patriarcal e autoritário só poderia alinhar-se contra a medida. Enquanto isso, da mesma forma, Pedrinho, partidário do liberalismo, coloca-se à favor da aprovação da emenda, entendendo-a como um avanço social.

Portanto, com um “realismo feito na construção objetiva do mundo exterior, da revelação dos mecanismos sociais e psicológicos que regem as tragédias e as alegrias dos seres, da procura de personagens representativas, da tipificação explícita e das indicações constantes à realidade que preexiste ao texto” (GONZAGA, 1997, p. 114), Josué credita vida às suas criações; seus personagens são seres humanos reais com biografias e passados que constituem uma identidade verdadeira, particular e única.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Francisco Salena, representante da Arena, e Pedrinho Macedo, representante do MDB, de qualquer forma, mesmo que antagônicos em termos da local política partidária, nada mais são do que representantes de um poder que não visa transformações fundamentais, já que estão comprometidos com as próprias intenções e interesses. Com discursos por vezes



inverídicos e vazios, as duas personagens metonimizam o embante na busca pelo poder, pregando, muitas vezes, o moralismo e falsa empatia social.

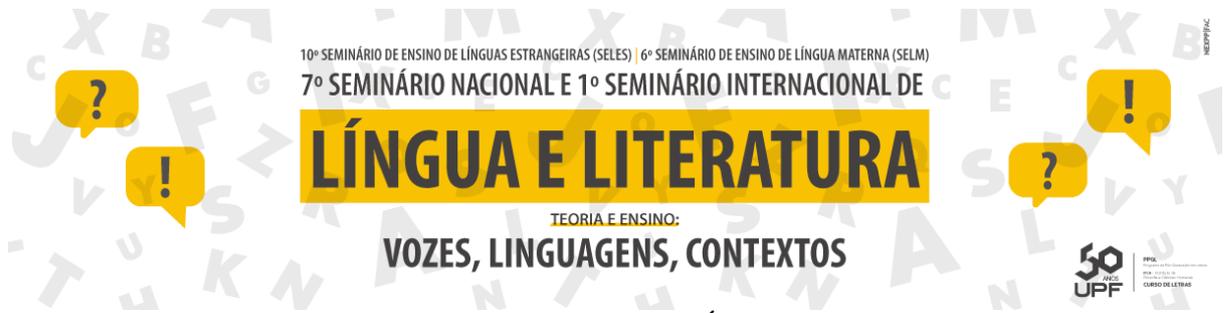
Enquanto um se diz defensor da horna de da família ao mesmo tempo que matém uma amante e frequenta, com assiduidade, o bordel de Dona Anja, o outro busca, na delicada reputação o oponente, brechas que possam se tornar ferramentas pelas quais o eleitorado não confie em seu representante e alinhe-se ao partido opositor.

As duas personagens representam ideologias e posicionamentos sociais recorrentes na dirtadura militar, bem como atuam como ferramenta de denúncia de outra luta social entre duas esferas: uma que detém o poder e uma voz política significativa e que, supostamente, interessa à sociedade – as personagens masculinas, em especial, as autoridades presentes no bordel; e aquela esfera que não detém seu próprio discurso, sua própria voz – as personagens femininas, as quais são, conseqüentemente, controladas pela primeira esfera.

Em linhas gerais, as discontinuidades verificadas nas duas personagens evidenciam uma característica da composição dos personagens de Josué Guimarães. Para o escritor, suas criações são humanos, mesmo que feitos de palavras; são pessoas particulares vivendo experiências únicas em um tempo-espaço determinado, exatamente da mesma forma que qualquer outro ser vivenciaria fora da ficção. Assim, muito além de um exercício de verossimilhança e alinhamento à literatura realista, Josué dá vida às personagens não só no microcosmo da obra literária, mas estende essa existência para a realidade. Existência que só pode ser vista e analisada pelo olhar do crítico genético.

## REFERÊNCIAS

BIASI, Pierre-Marc de. *A genética dos textos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.



GONZAGA, Sergius. A vitória do realismo. In: REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel (Org.). *Josué Guimarães: o autor e a sua ficção*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS/EDIPUC, 1997, p. 108-115.

GUIMARÃES, Josué. *Dona Anja*. Porto Alegre: LPM, 1978.

PINO, C.A e ZULAR, R. *Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética*. São paulo: Martins Fontes, 2007.

SALLES, C. A. *Gesto inacabado*. São Paulo: FAPESP, 1998.

WILLEMART, Philippe. Escritura e crítica genética. In: \_\_\_\_. *Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 3-89.